

ENIGMAS DO PASSADO DO NORDESTE BRASILEIRO E SUA EXEMPLAR PRESENÇA NA HISTÓRIA DE CEDRO DE SÃO JOÃO, SE

Marcos Silva¹
Isis Carolina Garcia Bispo^{**}

Resumo: A presença de cristãos-novos judaizantes, durante o período colonial, nas capitâneas do Nordeste recifense e na Bahia é um fenômeno reconhecido na historiografia brasileira. No entanto, os poucos estudos sobre o assunto que analisam os cristãos-novos de Sergipe del Rey não indicam a prática do criptojudaísmo entre sua população. Seria o território de Sergipe, neste particular, exceção dentro da história nordestina? Assim, o artigo procura demonstrar a presença de práticas judaizantes em Sergipe desde a época colonial. Para tanto, analisa a história da localidade sergipana de Cedro de São João e interpreta algumas práticas culturais de seu povo como indícios de que esta população possui como ancestrais remotos cristãos-novos que, em parte, se dedicavam a práticas criptojudáicas.

Palavras-Chave: Criptojudaísmo; Cultura Cristã-nova; História de Sergipe.

Abstract: The presence of Crypto-Jewish during the colonial period in the Northeast Recifense and Bahia is a recognized phenomenon in Brazilian historiography. However, the few studies that examine the issue of the crypto-Jewish in Sergipe del Rey does not indicates the practice of crypto-jewish among its population. It would be the territory of Sergipe, in particular, an exception in the story of the Northeastern? Thus, the article seeks to demonstrate the presence of jewish practices in Sergipe since colonial times. To this end, reviews the history of the town Cedro de São João and interprets some cultural practices of their people as evidence that this population has as crypto-jews remote ancestors, that, in part, were dedicated to practices crypto-jewish.

Key Words: Crypto-Jewish; New Christian Culture; History of Sergipe.

INTRODUÇÃO

Na fase exploratória de uma pesquisa sobre a participação de cristãos-novos judaizantes na formação étnico-cultural de Sergipe, nossa atenção foi chamada para um pequeno povoado, o município de Cedro de São João, localizado na região do Baixo São Francisco, a 94 km da capital.

De um modo geral, as versões que têm prevalecido sobre a origem remota de Cedro de São João sustentam que os seus primeiros fundadores foram ciganos que se fixaram na região após o final do domínio holandês no Nordeste. Oriundos das Minas Gerais aí iniciaram uma povoação com o intuito de praticar a pecuária. A origem do povoamento também é atribuída a

¹ Professor Adjunto no Departamento de História da UFS, Universidade Federal de Sergipe.

^{**} Acadêmica do Curso de História da UFS, Bolsista de Iniciação Científica – CNPq.

Antônio Nunes que, no início do século XIX, fundou a fazenda Cedro na região. Assim, devido à abundância da madeira de Cedro e à devoção deste pioneiro a São João Batista, o povoado passou com o tempo a chamar-se “Cedro de São João”.

Porém, outra explicação foi apresentada por (BEZERRA,1984:90). Esta população de Cedro teria chegado à região como fugitivos da Companhia das Índias Ocidentais, vindos de Pernambuco. Além disso, é possível identificar “por vaga suspeita de nomes” as famílias Aguiar, Nunes, Ferreira, Azevedo, Figueiredo como de origem ancestral judaica-holandesa em Sergipe.

Luís da Câmara Cascudo em *Geografia do Brasil Holandês* reforça o pensamento de Felte Bezerra, ao mostrar como a região, durante o domínio holandês, destacou-se pela produção de gado e acolheu algumas pessoas de origem holandesa.

Esta dificuldade de reconhecer a origem cristã-nova da comunidade de Cedro de São João tem um componente interessante porque identifica no grupo dos ciganos seus ancestrais remotos, ao contrário de determinadas regiões do Nordeste recifense e da Bahia que admitem com facilidade sua origem cristã-nova. De qualquer forma, trata-se de dois grupos étnicos que sofreram um processo histórico de marginalização social, sendo sentenciados ao “degredo” de Portugal para as Ilhas do Atlântico, Brasil e África durante a Idade Moderna.

No entanto, o Nordeste brasileiro destacou-se como importante palco do desenrolar de uma epopéia subterrânea, a história dos cristãos-novos que desenvolveram estratégias para manter na clandestinidade sua identidade judaica. Algumas práticas e costumes característicos do criptojudaísmo ajudaram a consolidar a cultura popular no Nordeste brasileiro e uma cosmovisão ou universo simbólico peculiar se formou na região. Um olhar atento para a cultura popular do interior do Nordeste brasileiro é capaz de revelar uma influência constituinte da cultura cristã-nova e sua religiosidade praticada às escondidas. Seria o território de Sergipe del Rey exceção dentro da história nordestina?

A comprovação histórica desta origem judaica da população de várias localidades sergipanas, no caso específico de Cedro de São João, pode ser feita recorrendo-se à idéia das “longuíssimas continuidades culturais” (GINZBURG, 1989). A hipótese defendida neste trabalho é que comprova-se esta origem étnico-cultural através das reminiscências da cultura ancestral percebidas no cotidiano da atual população cedrense.

TOPONÍMIA, DECORAÇÃO DE FACHADAS E CULINÁRIA REVELADORAS

Podemos mencionar como um primeiro indício da presença remota de cristãos-novos na região de Cedro o nome que foi atribuído ao principal acidente geográfico da região, a Lagoa Salomé.

Ora, entrevistando três antigos moradores de Cedro de São João sobre a razão para a lagoa haver recebido este nome encontramos explicações contraditórias e que evidenciam efetivamente um esclarecimento fictício. Quando foi perguntado ao professor Valdemar Vieira Nunes o porquê do nome da lagoa ser Salomé ele atribuiu o mesmo à influência de uma família protestante que, após a expulsão dos holandeses de Pernambuco, em 1654, colonizou a região.

Segundo o mesmo, esta família, seguindo o costume de atribuir aos seus filhos nomes bíblicos, possuía uma filha chamada Salomé. A partir daí, conforme se percebe por suas palavras, o componente imaginário domina a explicação:

Salomé, porque todo protestante só batiza os filhos com nome bíblico, Salomé é aquela famosa dançarina que pediu a cabeça de João Batista, não é? Então ela queria viver maritalmente com um cacique de uma taba que existia aí nos Calumbinho.(...) Como o pai não aceitou ela morreu afogada na lagoa; aí a lagoa tem o nome de Salomé por essa razão.

A explicação obtida de outra entrevista, desta feita com o senhor Shell, apesar de conter elementos comuns com a do professor Valdemar Vieira Nunes, como a origem holandesa dos primeiros colonizadores, revela elementos ainda mais fabulosos.

A versão da memória coletiva se confirma através das palavras do senhor Zé de Mindon, que reforça a explicação essencialmente mítica e deformada. Senão, veja-se:

(...) Chegando aqui uns holandeses fazendo construções trouxeram uma moça entre eles com o nome Salomé e eles não queriam por hipótese nenhuma que eles saíssem um casamento de outra pessoa de outras pessoas assim só queria que casassem eles com eles mermo (sic), que pertencesse aos holandeses. E a moça amando um rapaz que não era da origem deles, eles pressionaram tanto que ela suicidou-se e foi encontrada morta na lagoa. (...) E eles encontrando ela na lagoa morta, afogada na lagoa da Salomé, na lagoa, quando tiraram deram o nome da lagoa, Lagoa da Salomé.¹

¹ Dados da entrevista do senhor José Francisco da Rocha, seu Zé de Mindon. Pesquisa de Campo realizada em Cedro de São João em 13 de Agosto de 2008.

Na dialética entre a forma do senso comum da memória coletiva e a sua forma científica, a história, é obrigação do historiador eliminar os resíduos do fabuloso ou mitológico (LE GOFF, 1996:535). O testemunho dos três entrevistados revela nitidamente a coexistência de fatos comprovadamente históricos e soluções imaginárias.

A tese de Felte Bezerra de que os colonizadores da região são de proveniência holandesa é confirmada pelo testemunho da memória coletiva. No entanto, para explicar a origem do nome da lagoa a memória coletiva recorre a elementos do imaginário popular, gerando diferentes versões. A mulher que teria inspirado o topônimo em alguns momentos é protestante holandesa, também é reconhecida como índia e noutra ocasião como cigana.

A dificuldade se encontra exatamente em reconhecer a origem cristã-nova destes primeiros povoadores. Ora, positivamente atribuir o nome “Salomé” às suas filhas não é prática comum entre protestantes ou índios, apesar de nada impedir que assim o façam. Por outro lado, considerando que a toponímia é um forte indicativo cultural, a designação “Lagoa Salomé” revela um artifício em alguns momentos adotado pelos criptojudeus, ou seja, uma espécie de provocação velada.

Apesar da cidade ser chamada por uma composição de nomes que evoca a árvore abundante na vegetação local e um santo católico (fitotopônimo + hagiotopônimo), demonstrando a devoção ao padroeiro São João Batista, não houve escrúpulos em denominar a lagoa que domina a paisagem local com o nome da mulher que, segundo o relato do Novo Testamento, entorpeceu com sua dança o rei Herodes da Judéia e fez com que o mesmo lhe entregasse em uma bandeja a cabeça de João Batista.

Um indício interessante, colhido também em torno da toponímia, surgiu da entrevista do Sr. Zé de Mindon. Depois de afirmar que o primeiro nome atribuído à localidade por seus fundadores foi “Curral de Cedro”, procurou explicar a designação do povoado quando o mesmo tornou-se vila, em 1824. Segundo este, o Presidente do Estado, o Padre Olympio de Campos, em visita a Propriá, foi praticamente forçado a visitar a Vila e, em chegando ao local ao ver a situação humilde do povo, se referiu à mesma como “Vila dos porcos”.²

À primeira vista esta história poderia ser acrescentada no rol do anedotário da memória de senso comum. No entanto, dois aspectos demonstram a procedência da narrativa do depoente. Primeiro, consultando o registro das leis do Estado de Sergipe, encontramos a Lei Nº 422, de Outubro de 1901:

² Cedro de São João foi elevado a vila pela Lei nº 83 de 26 de Outubro de 1824.

Revoga a Lei nº83 de 26 de outubro de 1824

O Presidente do Estado de Sergipe:

Faço Saber que a Assembléia Legislativa do Estado decretou e eu Sacciono a seguinte Lei:

Artº. 1º Fica revogada a Lei n.83 de 26 de Outubro de 1824, que elevou o povoado do Cedro e outros á Categoria de villa.

Artº. 2º Revogam-se as disposições em contrari.

Palácio do Governo do Estado de Sergipe, em Aracajú, 29 de Outubro de 1901, 13º da Republica.

Pe. Olympio de Souza Campos

Josino Menezes. (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE, 1903:20)

Efetivamente comprova-se a malquerença do padre Olympio de Campos para com Cedro de São João aludida por seu Zé de Mindon. Será que o padre Olympio de Campos desconhecia que os ancestrais dos cedrenses eram de origem marrana? Terá sido gratuita sua afirmação de menosprezo?

Sem dúvida, pode-se afirmar que existia, no início do século XX, disseminado entre a população de Sergipe, um preconceito não disfarçado contra pessoas comprovadamente de origem cristã-nova ou judia. É possível aceitar que as ações do padre Olympio de Campos, acima relatadas, não estavam movidas por este sentimento?

Também não seria um resquício desta atitude preconceituosa o hábito sergipano, identificado por Felte Bezerra e comprovado em nossa pesquisa de campo, de qualificar como “cigano” os cristãos-novos? Ora, o Sr. Zé de Mindon quando questionado a respeito da origem cigana da população de Cedro de São João respondeu:

Não que eu tenho conhecimento, não, aqui teve um homem que se chamava Nilson Cigano, mais não era cigano, porque ele era um trocador de animal, e era o tipo do cigano hoje ele chegava aqui você encontrava ele em Propriá, chegava ta em Propriá chegava em Propriá ele tava em Jabotão era um homem aciganado não era cigano, não era cigano não. Eu não conheço descendente de cigano, a família do Nunes temos Edelina [...] Bejo que vem dessa origem de Antônio Nunes que se é mais alguma coisa [...]³

A resposta do Sr. Zé de Mindon fornece uma chave para decifrar este enigma da mentalidade sergipana. A expressão “aciganado” corrobora a tese de Felte Bezerra. No dicionário Houaiss da língua portuguesa encontramos; Aciganado: adjetivo, que se aciganou; semelhante a cigano; que tem modos ou hábitos de cigano; uso:pejorativo, tornado manhoso, trapaceiro; velhaco, astuto.

³ Dados da entrevista do senhor José Francisco da Rocha, seu Zé de Mindon. Pesquisa de Campo realizada em Cedro de São João em 13 de Agosto de 2008.

Além desta prática sergipana em cognominar de “ciganos” às pessoas dedicadas ao comércio ambulante, uma simples análise do sobrenome do primitivo colonizador da região, Antonio Nunes, revelaria tratar-se de uma das mais conhecidas famílias de origem cristã-nova. No Dicionário Sefaradi de Sobrenomes, numa lista de 250 (duzentos e cinquenta) sobrenomes sefaradis mais citados, o sobrenome “Nunes” ocupa o 22º (vigésimo segundo) lugar. Este é um fortíssimo indicativo da genuinidade da origem sefaradi ou cristã-nova do sobrenome. As informações completam-se com a explicação da derivação patronímica do sobrenome: Do nome próprio masculino, “Nuno”, espanhol. A documentação pesquisada para estabelecer a legitimidade sefardita do sobrenome encontrou pessoas pertencentes à família “Nunes” sendo referidas nos tribunais da Inquisição de Lisboa, Évora e Coimbra.

Além da estranha toponímia, “Salomé”, para uma cidade cujo santo padroeiro é São João Batista, da explicação apresentada para o fato da tradição oral atribuir a “ciganos”, precocemente sedentários, a origem do povoado, e do sobrenome genuinamente sefardita do primitivo fundador do povoado, outro indício da ancestralidade de cristãos-novos judaizantes do povo cedrense se encontra exposto, de forma inconsciente, nas bandeiras⁴ de janelas e portas e nas platibandas das casas de Cedro de São João.

Sendo um elemento característico da arquitetura das casas populares do Nordeste, a platibanda, parte mais alta da fachada, é um recurso utilizado nas construções com telhados em duas águas e que despejam as chuvas na frente e nos fundos. A utilização de platibandas, para encobrir as calhas e os telhados com uma parede, tornou-se uma exigência dos “códigos de posturas municipais” que foram adotados no Brasil a partir do final do século XIX. Assim, por exigência legal, disseminou-se tanto no litoral quanto no sertão do nordeste este uso.

O interessante é observar os adornos com que são decoradas as platibandas das casas e prédios públicos pelo Nordeste afora. Especialmente nos prédios públicos são esculpidos símbolos diversos e nos casarios a ornamentação pode funcionar também como um indicativo de distinção. A fotógrafa Anna Mariani viajou pelo Sertão Nordestino, durante as décadas de 1970 e 1980, registrando a fachada de casas populares em dezenas de municípios de 7 (sete) estados e em 1987 lançou um livro com parte deste rico acervo fotográfico.

Apesar de a fotógrafa restringir sua pesquisa às casas populares, é possível perceber a variedade de formas que chegam a decorar as platibandas das casas dos nordestinos. Além de revelarem o gosto dos que adornaram suas casas, as platibandas também guardam um

⁴ Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa bandeira é um “caixilho envidraçado que encima as folhas de portas e janelas, ger. fixo e incorporado à sua estrutura, destinado a proporcionar maior entrada de luz ou, em portas internas, a iluminar peças da casa sem aberturas para o exterior”. No caso das casas do interior nordestino, as bandeiras são feitas de madeira.

interesse histórico e identitário. No primeiro caso, porque transmitem uma “aparência portuguesa” e, muitas vezes, trazem a data da construção esculpida e, no segundo caso, porque através de signos esculpidos, indicam algo da cultura de seus primeiros proprietários.

Um simples passeio pela cidade de Cedro de São João revela ao observador minimamente atento, com significativa frequência, a presença da Estrela de Davi, chamada também de “magen David”, ou “Signo Salomão” decorando as bandeiras de portas e janelas e também as platibandas das casas construídas no início do século XX.

A origem do símbolo é remota e tem sido atribuída ao período das lutas dos judeus contra os romanos no século I da era comum. De um modo geral, é tido como um símbolo de proteção, o escudo de Davi.

Usado pelo sertanejo como símbolo místico de proteção, aparece na obra regionalista de João Guimarães Rosa (1908-1967) e, segundo as tradições herméticas, representa a “síntese dos opostos e a expressão da unidade cósmica, assim como a sua complexidade.” (CHEVALIER, 1991:812). As lojas simbólicas da Maçonaria também atribuem grande importância a este símbolo.

Mas, o que traz um significado todo especial à presença deste símbolo como decoração nas casas de Cedro de São João, cuja construção datam do início do século XX, é descobrir que o uso da Estrela de Davi como amuleto de proteção foi um costume disseminado entre os cristãos-novos judaizantes pelo menos desde o início do século XVI. David M. Gitlitz, que pesquisou durante 15 (quinze) anos a respeito dos costumes religiosos dos cristãos-novos judaizantes, identificou o uso entre os mesmos deste símbolo como acessório nos rituais de oração.

Por outro lado, o fato do símbolo da Estrela de Davi também ter importância na Maçonaria só faz reforçar a ligação do mesmo com os cristãos-novos judaizantes uma vez que (NOVINSKY, 1992:64) ao tratar da posição dos cristãos-novos na sociedade baiana na primeira metade do século XVII, afirma:

Mesmo gozando exteriormente de um *status* social semelhante ao do cristão velho e do fidalgo, o cristão novo mantinha uma inquietude interna, produto de sua condição, o que provavelmente terá inclinado muitos dos seus descendentes a se tornarem posteriormente maçons e precursores dos ideais de libertação do Brasil.

Assim, o símbolo da Estrela de Davi utilizado nas casas de Cedro de São João, mesmo que seja de inspiração maçônica, pode ser interpretado como indício da presença de cristãos-novos judaizantes na origem da população local. Tanto é assim que chama a atenção uma casa

localizada defronte da igreja matriz, cuja construção data de 1916, e que ostenta uma estrela de Davi em sua platibanda.

Outros indícios, ligados a costumes do cotidiano e ritos funerários, já bastante mencionados em outros estudos, foram colhidos através das entrevistas. Merece menção apenas dois outros, ligados à culinária. O genealogista Paulo Valadares já pesquisou a respeito da existência de uma culinária cristã-nova brasileira, a que denominou de “culinária do não”, tendo em vista que permaneceram, para alguns, as proibições de origem bíblica. No caso de Cedro de São João, chamou nossa atenção dois elementos centrais da culinária do povoado: A bolacha “sete capas” e a “carne de sol”.

O primeiro alimento, um biscoito salgado popular no Nordeste, pode ser visto como indício a partir do nome que evoca um segredo, algo que deve ser coberto, e também pelo seu significado místico. A carne de sol, durante muito tempo o principal produto da economia cedrense, pode ser percebida como indício a partir da explicação que os nordestinos judaizantes dão para a sua origem: Durante o período colonial, em que os familiares do Santo Ofício poderiam delatá-los, “os marranos, não podendo abater o gado conforme o ritual; cortavam tiras da carne de boi, de preferência da parte de cima, deixando-as bastante salgadas no sol, para que, desta maneira, ficassem isentas de sangue.” (ABRAHAM, 1991:137).

CONCLUSÃO

Classificar teoricamente os elementos culturais herdados dos cristãos-novos judaizantes de um passado distante não é tarefa fácil. Trata-se, com certeza, de um estudo das reminiscências, de longuíssimas continuidades culturais, das quais os seus protagonistas não possuem mais consciência das suas origens. Neste sentido, Luís da Câmara Cascudo, no início da década de 1980, ao comentar a sobrevivência no Nordeste de ritos funerários de origem judaica, esclarece que desde o período colonial passaram-se mais de três séculos com modificações inevitáveis, a perda da explicação do sentido e a adaptação da justificativa, porém, o gesto segue sua existência milenar. (CASCUDO,1985:282).

Por outro lado, em sua análise da religiosidade popular na colônia, quando trata das “irreverências”, como o desrespeito ao crucifixo, que eram cometidas na maioria das vezes por judeus ou cristãos-novos, (SOUZA, 1986:113) assim analisa este comportamento: “ridicularizavam símbolos, invertiam-nos, negavam-nos e, talvez, procuravam criar uma antiordem dessacralizadora.” Por sua vez, Anita Novinsky ao concluir sua obra seminal sobre os cristãos novos na Bahia afirma que a síntese da cultura destes é a atitude crítica em relação

à religião católica. Além destes elementos, não podemos esquecer o viés subterrâneo, escondido e disfarçado dos costumes dos cristãos-novos judaizantes.

Assim, neste artigo analisamos alguns indícios da participação decisiva de cristãos-novos judaizantes na origem da população de Cedro de São João, Sergipe. Apesar de nossa pesquisa de campo haver constatado uma série de outros costumes e práticas que normalmente são apresentadas pelos estudiosos do assunto, enfatizamos apenas aquelas que nos pareceram bem peculiares a esta pequena comunidade. Não pensamos que os indícios isolados possam fornecer elementos para concluirmos pela ancestralidade cristã-nova da população de Cedro de São João. Mas, defendemos que o conjunto dos indícios coletados constitui uma forte evidência de que no passado remoto dos cedrenses cristãos-novos judaizantes criptografaram uma mensagem para a posteridade. Cabe aos seus descendentes decifrá-la.

FONTES CONSULTADAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE, APES: Leis e Decretos de Sergipe Cx.07, vol. 04. Constituição do Estado. Leis e Decretos do Anno de 1901 Aracajú Typ. Do “O Estado de Sergipe” 1903, p.20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Ben. **De Varsóvia a Entebe**. São Paulo: Sherit Hapleita do Brasil, 1991.

BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas: Contribuição ao seu Estudo**. 1ª Reedição. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1984.

CALDAS COSTA, Aline de. “Imaginário e percepção da paisagem pelo artesão: um olhar sobre as esculturas de fachadas com platibandas de Fabrício Küster”. *Culturas Populares. Revista Electrónica* 5 (julio-diciembre 2007). ISSN: 1886-5623. Disponível em: <http://www.culturaspopulares.org/textos5/articulos/caldas.htm> Acesso em: 20 Set. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia do Brasil Holandês**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

_____. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade São Paulo, 1985.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**/ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FAIGUENBOIM, Guilherme. **Dicionário Sefaradi de Sobrenomes: Inclusive cristãos-novos, conversos, marranos, italianos, berberes e sua história na Espanha, Portugal e Itália.** / Guilherme Faiguenboim, Paulo Valadares, Anna Rosa Campagnano. 2ª ed. São Paulo: Fraiha, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GITLITZ, David M. **Secrecy and Deceit: The religion of the crypto-jews.** Albuquerque: University of New Mexico Press, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MARIANI, Anna. **Pinturas e Platibandas.** São Paulo: Mundo Cultural, 1987.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos Novos na Bahia: A inquisição no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Marranos e a Inquisição: Sobre a rota do ouro em Minas Gerais. In: **Os Judeus no Brasil: Inquisição, imigração e identidade.** Keila Grinberg (Org.). – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VALADARES, Paulo. **A Presença Oculta: Genealogia, Identidade e Cultura Cristã-Nova Brasileira nos Séculos XIX e XX.** Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

_____. Para a Fome do Lobo e do Leão: A 'Culinária do Não'. **O Boêmio.** Matão, SP. 14 de Dezembro de 2007.